

# **Mulheres e educação:** conhecendo a temática através da extensão universitária

Rita de Cassia Fraga Machado<sup>1</sup>, Amanda Motta Castro<sup>2</sup>

## **Resumo**

O Cine Debate “Mulheres e Educação” é um projeto de extensão realizado pela Universidade do Estado do Amazonas, Campus Tefé (CEST/UEA), e que está inserido na relação pesquisa-extensão e ensino. O projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2015. O objetivo principal foi levar aos/às estudantes o conhecimento e a reflexão sobre a temática das mulheres e sua história com a educação formal. Participaram das sessões de cinema cerca de 60 estudantes e professores/as, oriundos/as dos diversos cursos de licenciatura da UEA e das escolas públicas do município de Tefé, Amazonas.

## **Palavras-chave**

Mulheres. Educação. Estudos Feministas. Universidade. Extensão Universitária.

**1.** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: rmachado@uea.edu.br.

**2.** Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul. E-mail: motta.amanda@terra.com.br.

## **Women and education:** gaining knowledge of the topic through university extension

Rita de Cassia Fraga Machado\*, Amanda Motta Castro\*\*

### **Abstract**

Debating Cinema “Women and Education” is a university extension project conducted by the Amazonas State University, at Tefé Campus (CEST/UEA), in connection with research, extension, and teaching. The primary aim of the project, which was developed in the first semester of 2015, was to lead students to learn and reflect about the topic of women and their formal education. About 60 students, from a wide range of degree courses at UEA and from public schools in the town of Tefé, Amazonas, attended the movie sessions.

### **Keywords**

Women. Education. Feminist Studies. University. University Extension.

\* PhD in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil; assistant professor at Federal University of Amazonas, Amazonas, Brazil. E-mail: rmachado@uea.edu.br.

\*\* PhD in Education, Federal University of Vale do Rio dos Sinos; Rio Grande do Sul, Brazil; assistant professor at Federal University of Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: motta.amanda@terra.com.br.

## Introdução

Para a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a extensão universitária é definida como

o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. (FORPROEX, 2007, p. 17).

A UEA é uma universidade pública, autônoma em sua política educacional e que tem como missão promover a educação, desenvolver o conhecimento científico, particularmente sobre a Amazônia, em consonância com valores éticos capazes de integrar o homem à sociedade e de aprimorar a qualidade dos recursos humanos existentes na região em que está inserida.

A UEA possui mais de 20 mil estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação e de pós-graduação e é a maior universidade multicampi do país, ou seja, é a instituição de ensino superior brasileira com o maior número de unidades integradas. Em sua estrutura, 5 unidades acadêmicas estão na capital (escolas superiores) e 6 centros de estudos superiores e 12 núcleos de ensino superior estão no interior do estado. A cidade universitária da UEA encontra-se em construção e localiza-se em Iranduba (município distante 25km de Manaus).

No campo da extensão, a UEA possui uma importante variedade de ações, programas e projetos realizados com vistas à promoção da política institucional de extensão universitária e ao atendimento das necessidades da sociedade, por meio do conhecimento científico e tecnológico (UEA, 2015).

A relevância desse trabalho de extensão universitária se constrói fundamentada na articulação entre a extensão, o ensino e a pesquisa em educação com mulheres, posto se tratar de uma experiência consolidada com mulheres das comunidades tradicionais da

Floresta Nacional de Tefé. A ação de extensão, ora apresentada, está sendo trabalhada também no Centro de Estudos Superiores de Tefé, por meio do Projeto “Educar mulheres na busca por seus direitos”, e no projeto Cine Debate “Mulheres e Educação”. Neste, participam educandas/os, educadores/as e comunidade em geral que se interessam pela temática.

O Cine Debate, projeto de extensão que faz interface com a pesquisa e o ensino, envolve uma perspectiva metodológica e epistemológica da educação popular. Quanto à primeira, a pesquisa é qualitativa e tem como método a pesquisa-ação participante, caracterizada pela interação das pesquisadoras com as comunidades, buscando, neste caso, a discussão sobre a educação de mulheres ao longo da história. Quanto à segunda, na construção do quadro teórico, é adotada uma perspectiva crítica de análise mediante a abordagem da extensão universitária a partir das ideias de Paulo Freire contidas, em especial, nos livros *Pedagogia da Esperança e Extensão ou Comunicação?* Essas obras apontam como necessária a educação de mulheres como forma de transpor as amarras à educação formal e pública que, de certa forma,

foram sendo rompidas no transcorrer do acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação sexista de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência da saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua ‘missão’ de mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para as jovens brasileiras. (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

Nesse sentido, a educação significa

colocar-se em relação, pois o ser humano deve estabelecer relações com outros seres humanos para assumir a responsabilidade

coletiva pelo mundo. Face à criança é como se ele [o professor] fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: – Isso é o nosso Mundo. (ARENDDT, 2011, p. 239).

Ou seja, tornar a educação uma opção prática e um direito para as mulheres. Construir processos de reflexão que ofereçam educação de qualidade perto de onde elas moram, capacitar professores (em particular as professoras), fornecer livros e materiais de ensino básico e oferecer horários flexíveis de aula podem ajudar a aumentar o índice de reflexões como estas na escola.

Os resultados dessa ação de extensão universitária podem ser divididos em três questões: a) elevação de consciência dos participantes: capacitação e elaboração de projetos comuns identitários, integração e fortalecimento das mulheres universitárias em torno dos projetos de empoderamento e sua história, encontros aos sábados e troca de experiências de vida, exemplos; b) contribuição para as pesquisadoras que atuam e militam na área da teoria feminista na UEA: experiência docente, pesquisa; e c) benefícios para a instituição de ensino superior, que consegue articular ações de extensão universitária e divulgar o conhecimento produzido.

### **Mulheres e educação formal no Brasil**

Para Ivone Gebara (2000), com a pouca história escrita pelas mulheres ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens. A autora afirma que

um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento

limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão. (GEBARA, 2000, p. 117).

Evidentemente, o poder de contar a história e escrevê-la ficou na mão de homens. Cabe esclarecer que não nos referimos a todos os homens, mas, sim, a um padrão normativo androcêntrico que domina e controla inclusive os homens. Isso é, quando discutimos o monopólio do conhecimento pelos homens, referimo-nos a um modelo de homem que, em sua maioria, é branco, heterossexual e com certo nível de poder. Em vista disso, podemos afirmar que tal monopólio também é excludente para outros homens. Em virtude dessas exclusões, houve, na história recente, um período marcado por movimentos sociais de protesto, que lutaram para que essas desigualdades fossem questionadas, visibilizadas e transformadas. Nas palavras de Gebara (2008, p. 32):

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E este lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menor em relação ao proposto como conhecimento.

A afirmação de Gebara (2008) aponta que a educação formal tem sido historicamente excludente, afetando inclusive as mulheres. Essa exclusão está presente no filme *A Papisa Joana*<sup>3</sup>, no qual a personagem precisou se vestir de

**3.** *A Papisa Joana* (2009) retrata a história de uma mulher que chegou ao mais alto poder da Igreja Católica: o papado. Johana von Ingelheim (Johanna Wokalek) é a única menina a se formar na escola religiosa na Catedral de Dorstadt. Apesar de estar apaixonada pelo monge e médico Gerold (David Wenham), ela decide seguir seu destino de fé e, para conseguir ser independente em Roma, cria a identidade de John Anglicus. Destacando-se pela sua inteligência, ela conquistou o respeito e a confiança de todos, inclusive do Papa Serguis (John

homem para conseguir estudar.

Em 1088, na cidade de Bolonha, Itália, ergueu-se a primeira universidade na Europa Medieval (CASTRO, 2015). Já no continente americano, a primeira universidade – Universidade Nacional de San Marcos – foi fundada em 1551, no Peru. A entrada de mulheres na universidade começou nos Estados Unidos, no estado de Ohio, em 1837, com a criação de universidades exclusivas para elas. Por sua vez, na Europa, o ingresso de mulheres na universidade demorou mais ainda. As grandes universidades, como Oxford e Cambridge, só abriram suas portas para as mulheres no século XX.

Dessa forma, os homens iniciaram a vida acadêmica quase 800 anos antes das mulheres. A partir desses dados, verificamos que a chegada das mulheres à educação formal foi difícil, lenta e resultado da luta de mulheres que ousaram desafiar a lógica patriarcal que, durante a história, as deixou em desvantagem.

No Brasil, a intensificação do acesso de mulheres à Universidade Brasileira deu-se a partir de 1960 (ROSEMBERG, 2012). Ao observar o percurso da educação das mulheres no Brasil, a autora apreende que

as mudanças de regime – Colônia, Império, Primeira República – pouco afetaram a paisagem. A efígie feminina da República – inspirada na *Liberdade guiando o povo*, de Delacroix – serviu mais para cunhar moedas que a guiar a nação para promover a educação das mulheres: nos 122 anos de vida republicana e nos 74 anos do Ministério da Educação, tivemos apenas uma ministra da educação, Esther de Figueiredo Ferraz (1915-2008), no governo de Figueiredo, entre agosto de 1982 a março de 1985, isto é, durante a

ditadura militar. (ROSEMBERG, 2012, p. 338).

As mulheres estiveram longe da educação formal no Brasil. No decorrer da história, o que percebemos é a ideia de que existiu “a necessidade de se educar as mulheres (comedidamente, porém) porque elas seriam ‘educadoras de homens’” (ROSEMBERG, 2012, p. 338). Elas tramaram seus conhecimentos no privado e os homens, no público. Defendia-se – e ainda tem-se a ideia – que as mulheres são menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Desta forma, o conhecimento das mulheres ficou perdido no espaço privado, já o dos homens acabou reconhecido publicamente e sistematizado pela educação formal. No Brasil,

Inclui-se Economia Doméstica em seu currículo, porque a mulher é a “rainha do lar”. Criticou-se a escola mista por ser considerada promíscua. Incentivou-se a formação de professora porque elas, verdadeiras mães, têm a vocação para o sacerdócio que é o magistério. (ROSEMBERG, 2012, p. 338-339).

O filme *O Sorriso de Monalisa*<sup>4</sup> retrata a história de uma professora inconformada com o conservadorismo da sociedade da década de 1950 e do próprio colégio em que trabalha, reconhecido por preparar jovens para a vida matrimonial e doméstica. Por meio de suas aulas, a professora procura mostrar a suas alunas a importância da emancipação feminina.

Nas reflexões realizadas com os/as participantes do Cine Debate, uma jovem ressalta ser “interessante como a professora questiona esta forma de educação das meninas no filme” (Participante do Cine Debate).

Goodman), tanto que, quando ele faleceu, ela foi eleita, por unanimidade, para ser a nova Papisa, no ano 853 d.C.

**4.** O filme *O Sorriso de Monalisa* (2003) conta a história de Katharine Watson (Júlia Roberts), recém-graduada professora que consegue emprego no conceituado colégio Wellesley para lecionar aulas de História da Arte. Katharine decide lutar contra o conservadorismo da sociedade e da instituição onde trabalha, inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida.

Figura 1 – Cine Debate “Mulheres e Educação”, em Tefé, Amazonas.



Fonte: As autoras (2015).

No Brasil, nos mesmos anos de 1950, já se combatia a educação diferenciada naquele sentido, não pelo debate de igualdade de direitos, mas, sim, porque as mulheres serviam para compor o exército industrial de reserva, “fazendo com que ocupassem postos com menor remuneração que os ocupados pelos homens no mercado de trabalho” (ROSEMBERG, 2012, p. 339). Naquele momento, defendia-se a ampliação da educação das mulheres porque, uma vez educadoras, adiavam a primeira gravidez, espaçavam os partos, cuidavam melhor dos filhos e, por conseguinte, contribuía para que as crianças fossem mais educadas. (ROSEMBERG, 2012).

Uma das participantes pontua durante o debate: “Hoje a gente já pode estar na universidade, antigamente não era assim”. De fato, nem sempre foi assim; o início foi árduo. “Guetos individuais” – assim é que

Safiotti (1987) relembra a paisagem em que trabalhavam meia dúzia de intelectuais (jornalistas, advogadas, editoras, professoras universitárias) que, na década de 1960, escreviam sobre educação de mulheres no Brasil.

Se a entrada das mulheres na educação foi difícil, a das mulheres negras foi ainda mais tardia e lenta. No Brasil, a primeira mulher negra a comandar uma universidade pública, ao ser nomeada reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), ocorreu em 2013.

De acordo com Pinho (2015), o salário de uma mulher negra corresponde a aproximadamente 30% do total do salário de um homem branco pela mesma função, até mesmo quando essa função já é de um salário extremamente baixo, como entre os funcionários terceirizados. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, 9% dos jovens negros, com idade entre 18 e 24 anos, cursavam ensino superior; já entre o grupo de brancos esse número é mais que o dobro: 25,6%. Essa realidade é exposta, de forma bem acentuada, no filme *Histórias Cruzadas*<sup>5</sup>.

Dessa forma, o Cine Debate ganha relevância no intuito de apresentar um pouco da história das mulheres e das lutas que foram e são travadas pela igualdade entre os sexos. O desbravamento em relação ao direito de estudarem e participarem da vida pública, espaço que historicamente nunca foi de mulher. O filme *A Dama de Ferro*<sup>6</sup> retrata justamente as dificuldades

**5.** *Histórias Cruzadas*, 2011. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna a Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi determinada a se tornar escritora nos anos de 1960. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. No livro, a perspectiva é a das mulheres negras, que mostram o racismo sofrido nas casas dos patrões brancos.

**6.** *A Dama de Ferro*, 2012. Antes de chegar a mais alta esfera do poder britânico e adquirir a alcunha de “dama de ferro”, Margaret Thatcher (Meryl Streep) teve que enfrentar vários preconceitos na função de primeira-ministra do Reino Unido em um mundo até então dominado por homens. Durante a recessão econômica causada pela crise do petróleo, no fim da década de 1970, a líder política tomou medidas impopulares, visando à recuperação do país. Seu grande teste, entretanto, foi quando o Reino Unido entrou em conflito com a Argentina na conhecida e polêmica Guerra das Malvinas.

enfrentadas pelas mulheres na vida pública.

### **Mulheres e educação através da cinematografia**

Figura 2 – Cine Debate “Mulheres e Educação”, em Tefé, Amazonas.



Fonte: As autoras (2015).

Quando propusemos realizar um processo educativo a partir da extensão universitária e por meio de filmes, tínhamos a intenção de provocar reflexões em torno das questões das mulheres. Seriam elas: a participação política nos espaços públicos; a educação das mulheres ao longo da história refletidas a partir de histórias, algumas reais outras não, retratadas nos filmes. As reflexões foram impressionantes, bem como as relações com a vida real de quem participava. O que mais nos chamou a atenção foi a capacidade dos/das participantes de relacionarem essas reflexões com as reproduções cotidianas do machismo e da ação patriarcal da sociedade.

No panorama mais amplo, as mulheres continuavam cumprindo os papéis destinados pela sociedade patriarcal:

os homens eram os chefes e as mulheres continuavam aprimoradas na domesticidade, embora, alternativamente, algumas chegassem a participar dos movimentos culturais e até sociais, como o sufrágio e a especial Semana de Arte Moderna de 1922 e seus desdobramentos. (MOTTA, 2012, p. 88).

Nos dias atuais, a presença das mulheres na educação formal tem aumentado. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2013, apontam que as mulheres possuem mais de quinze anos de instrução. Além disso, o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária de 25 anos ou mais. A principal diferença percentual por sexo encontra-se nos dados sobre o nível superior completo, em que 12,5% das mulheres completaram a graduação contra 9,9% dos homens<sup>7</sup>.

Entretanto, mesmo as mulheres sendo maioria hoje na educação formal, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) aponta que as mulheres têm mais dificuldade de acesso e de continuidade dos estudos devido, principalmente, à jornada dupla de trabalho, ao cuidado com as crianças e à violência contra elas.

### **Momentos finais: continuamos!**

A reflexão que fica desses momentos é que precisamos dar continuidade ao projeto “Cine Debate” em 2016. Como proposta, o trabalho com filmes que aborde questões das mulheres brasileiras e latino-americanas como, por exemplo, *Frida Khalo*.

**7.** Fonte: Fundação Carlos Chagas. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie3.php?area=series>>. Acesso em: 25 set. 2015.

Figura 3 – Encerramento do Cine Debate “Mulheres e Educação”, em Tefé, Amazonas.



Fonte: As autoras (2015).

Para a escolha dos próximos filmes,

consideraremos o cinema como instrumento que reforça a ideia de uma beleza feminina reluzente e espetacular. Hollywood propagou uma verdadeira cultura à juventude (MOTTA, 2012). A indústria cinematográfica contribui para a cultura do controle ao corpo da mulher. Essa é uma das questões que propomos trazer para o próximo Cine Debate. A “beleza espartana”, cultuada por diversos eugenistas brasileiros, concedia à mulher o direito de praticar alguns exercícios físicos, de abandonar as cintas ligas, espartilhos, de encurtar as saias e utilizar maiô na praia. São essas questões que serão refletidas na continuidade da experiência aqui relatada.

## Referências

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTRO, A. M. **Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade**: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG. 2015. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

FORPROEX – Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2007. Disponível em: <ufmg.br/proex/renex/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: 25 set. 2015.

GEBARA, I. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, E. **Epistemologia, violência, sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

MOTTA, A. B. da. Elas começam a aparecer. In: FINSKY, C.; PEDRO, J. (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84-104.

PINHO, C. **Eu, mulher negra na universidade... acadêmica?** 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/eu-mulher-negra-na-universidade-academica/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ROSEMBERG, F. Educação: mulheres educadas e a educação de Mulheres. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 334-381.



SAFIOTTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Vozes, 1987.

UEA – Universidade do Estado do Amazonas. Disponível em: <<http://www1.uea.edu.br/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

Submetido em 22 de dezembro de 2015.

Aprovado em 11 de março de 2016.